

## O POLÊMICO ALMIRANTE COCHRANE



Lord Cochrane – Retrato de James Ramsey – Fonte: Wikipedia

José Alberto Cunha Couto

Carioca, passei minhas infância e adolescência atravessando a rua Almirante Cochrane, na Tijuca.

Alguns anos mais tarde, ao ingressar na Marinha, conheci, nas aulas de História Naval, o Almirante Cochrane pelos seus feitos ao ser contratado para organizar a nossa, então, Marinha de Guerra, para pacificar rebeliões contra a independência do Brasil.

A guerra da independência foi longa e desgastante. Durou 21 meses.

O isolamento e interesses das províncias do Norte, Nordeste e Cisplatina, que continuavam leais a Portugal, prenunciavam divisão do território, a exemplo do que já ocorria nas vizinhas colônias espanholas.

Para fazer frente a essas rebeliões, D. Pedro I não tinha condições de organizar um exército que pudesse atuar em todo o vasto território nacional.

Foi quando se fez necessária a ação da Marinha para evitar a fragmentação do país.

Nosso imperador recorreu, então, ao auxílio financeiro da Inglaterra e contratou os serviços de mercenários ingleses que tiveram importante papel nesses conflitos.

O novo governo sabia que, em um território com mais de 8.000 quilômetros de litoral, além de precisar de um número maior de navios, enfrentava uma dificuldade adicional: lhe faltavam oficiais e marinheiros.

Sem tempo, dinheiro e condições de construir navios, bem como treinar e recrutar homens, a solução foi procurar reforços na Europa.

É quando surge a contratação do Almirante Thomas Cochrane para a até então desorganizada Marinha de Guerra brasileira.

Convidado por indicação de José Bonifácio, o escocês havia se destacado na guerra do Pacífico, que resultara na independência do Chile.

Com a proposta de manter seus vencimentos e título de Almirante iguais ao que ocupava no Chile e ainda ser merecedor de todas as presas de guerra que pudessem ser capturadas (navios portugueses, suas cargas, e qualquer outra propriedade portuguesa) o Lorde escocês assumiu como o Primeiro Almirante do Brasil a 21 de março de 1823 e partiu do Rio de Janeiro a três de abril, navegando a vela para a Bahia.

Atuando no Norte, no Nordeste e na Confederação do Equador, Cochrane obteve, em todas, a rendição das forças portuguesas, incorporando essas regiões ao novo país independente.

Assim sendo, vê-se que Lorde Cochrane foi importante ao Império brasileiro para a consolidação do território como ele é ainda hoje.

Nos trinta anos seguintes, Cochrane tentou judicialmente obter suas indenizações por presas de guerra (mais de 140 navios, rendas de alfândegas e propriedades de portugueses de províncias), as quais lhe foram sempre negadas sob a alegação de que a maior parte havia sido tomada de forma ilegal e contra as leis de presa.

Essa questão só foi resolvida após a morte de Cochrane, com D. Pedro II pagando com juros a dívida brasileira referente a soldos e a presas de guerra.

Eis que, recentemente, foi lançado o livro *Lord Thomas Cochrane*, de George Ermakoff (editora G. Ermakoff), e nele a história fica mais clara: Cochrane por vezes é herói, por vezes vilão.

Como Deputado, em 1806, Cochrane atacou o tratamento vil como o Almirantado Real tratava comandantes e marinheiros, que o escocês via como heróis.

Em 1814 se viu envolvido em fraude da Bolsa de Valores de Londres, participando de boato sobre a morte de Napoleão. Condenado, foi preso e perdeu seus títulos.

Depois partiu para as muitas incursões marítimas, atraído pela oportunidade de conseguir acumular riqueza com as presas de guerra.

De origem aristocrática, Lord Cochrane serviu à Marinha Britânica enfrentando as esquadras francesa e espanhola.

Ao longo de sua vida, ele capitaneou marinhas em lutas pela independência de quatro nações: Chile, Peru, Brasil e Grécia.

Cochrane voltou para o Reino Unido em 1825, porém logo foi contatado pela Grécia, que também tentava alcançar sua independência.

Ele renunciou a seu posto de Almirante após fracassar na Batalha de Falero, em que foi empregado o 1º navio de guerra a vapor, e voltou para o Reino Unido, onde recebeu o perdão do rei Guilherme IV e retornou à Marinha Real como Contra-Almirante naquela força.

Cochrane herdou, então, o título de Conde de Dundonald e passou a concentrar seu tempo em pesquisas científicas para aplicação marítima.

Morreu aos 84 anos de idade, durante uma cirurgia de cálculo renal.

Enfim, por toda sua história, apelidado de *lobo do mar* e cantado em poema de Pablo Neruda por seu *errante destino de Almirante libertador dos povos*, entendo que Lorde Thomas Cochrane merece, sim, ser lembrado neste ano de 2022 em que se comemora o bicentenário de nossa independência.